

Pluralidades do Nome-do-Pai e suas conseqüências na atualidade

Mary Ellen Dias Barbosa

GOROSTIZA, L. Los nombres de la angustia en malvivir actual. In: Dispar 7: Versiones de la angustia. Publicación de psicoanálisis y filosofía / Jacques-Alain Miller; Phillipe Solers; Slavoj Zizek e outros. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2008. p.107.

Assim como não encontramos na atualidade o Nome do Pai, e sim *os nomes do pai*, tal pluralidade se encontra também no tocante à angústia, sendo que a angústia está intimamente ligada ao que não tem nome.

Ao procurarmos nomear o *objeto a*, a partir de suas encarnações, deparamo-nos com as inconsistências de tais tentativas, pois algo escapa de uma significantização.

O que está jogo, é a "importância crucial e estratégica que se apresenta no seio do debate contemporâneo... insistir no fato de que a psicanálise de orientação lacaniana ensina que o *objeto a* não tem nome e que a angústia a ele ligada, além dos nomes dados a suas manifestações episódicas – é o que indica no corpo do (*parlêtre*) o que jamais poderá ser reabsorvido pelo significante" (p. 108)

Partindo deste pressuposto, equivale a questão do *sinthome*; que guarda em seu núcleo um gozo opaco do sintoma e que não cede ao simbólico – também o *objeto a* e a angústia ligada a este, como representantes da oposição aos ideais de transparência e resoluções.

A ciência se propôs a normatizar as relações e os fenômenos ditos naturais em sociedade – as relações são mediadas pela investigação – o duplo problema=solução, ou seja, para se *sanar* o mal-estar atual, há de se fazer uso de estratégias advindas da lógica da modernidade em que uma solução apóia-se no que é mensurável, objetivável, previsível.

O *objeto a* de Lacan e conseqüentemente seu Ensino põe em questão o paradigma do cálculo e da medida generalizados, esta transparência/cálculo em que para todo problema há uma solução – "o objeto a se veste hoje em dia com o nome de 'mal-estar'". (p. 109)

Atenta para questão das disciplinas *psi*, que guardam uma íntima relação em responder às demandas de normatizações e resoluções e lança um desafio aos psicanalistas, que é a de sustentar na atualidade uma experiência que não se reduza ao paradigma do cálculo e da medida generalizados. Sustentação que não coloca a angústia do lado de um simples 'problema no corpo' – mas de que por uma questão de estrutura está ligada a irredutibilidade do objeto causa, do desconhecido, da existência do sujeito.

Em um segundo momento Gorostiza cita a fala de Eric Laurent – ao referir o que em ato sugere o espírito vivo da Escola Una: 1) Psicanálise pura, 2) A clínica da psicanálise aplicada e, 3) Um comentário/discussão contínua das derivações do movimento psicanalítico.

Gorostiza recorre ao curso de Jacques Alain Miller (28/01/2004), o qual precisa o conceito de *bioteologia*, que estaria por um lado compatível com o discurso da igreja católica – do impessoal, da vida a serviço da evolução universal – e congrega por outro o cientificismo/evolucionismo em busca de um saber real comum a ambos. Não se esboça uma confrontação igreja-ciência, como em outros tempos, mas uma simpatia entre ambos.

No texto, Gorostiza trata a questão do Deus de Spinoza – referido por Damásio – como um deus terapêutico, que tem como objetivo restaurar o equilíbrio hemodinâmico. A psicanálise evidencia a ilusão que a idéia de um deus terapêutico engendra, porque sua prática “dissipa esta suposição...como uma ilusão, uma ilusão bioteológica do sujeito suposto saber”. A sustentação de um Deus “evacuado de gozo” é algo insustentável para os analistas, pois a experiência psicanalítica evidencia a partir do *objeto a*, que sempre haverá um resto, um resto impossível de ser “reabsorvido pelo simbólico e seu correlato subjetivo de angústia”. (p. 111)

Finalizo citando, ainda na mesma linha sobre o que está em questão sobre a religião, a ciência e mercado – denominado também no texto como 'utilitarismo biológico' – a posição da psicanálise de orientação lacaniana, e que vem a ser juntamente com a angústia a certeza que podemos compartilhar, “não há sujeito sem sintoma, e isto até o final dos tempos... não há sujeito digno de sua existência sem angústia e isto até o final dos tempos”. (p. 112)